

# NÚMEROS PRIMOS:

## Uma Imagem de Fachada

*Gilberto Mariotti*

Este texto pretende olhar para *Números primos*, uma foto do fotógrafo e cineasta Marcelo Masagão, feita na divisa entre Carapicuíba e Osasco, que registra um conjunto de barracos construídos por famílias que ocupam um mesmo terreno, que aparecem ao observador dispostos em uma linha contínua, como se fosse possível o enquadramento frontal de cada fachada, sem abrir mão da vista dada pelo movimento de um plano sequência linear. A foto expõe a diversidade de soluções gráficas e tipológicas das moradias e da numeração que marca ao mesmo tempo a proximidade e a distância entre cada uma delas.

---

Doutor em Poéticas Visuais pela ECA-USP (2016), Professor de História, Teoria e Crítica na Escola da Cidade de Arquitetura e Urbanismo (São Paulo), organizador de *Museum Art Today/Museu Arte Hoje* (2011), *Monumetria* (2009) e *Contra-condutas*, ação político pedagógica (2016). Contato: [gmariotti@gmail.com](mailto:gmariotti@gmail.com)

**N**úmeros primos, trabalho fotográfico de Marcelo Masagão, realizado em 2020, nos faz ocupar o ponto de vista de quem, ao andar pela rua, não se obriga a escolher entre olhar para frente ou para o lado; ir em frente ou se demorar em cada trecho; seguir a constância que a rua nos pede ou atentar para a fachada de cada casa, cada número (Figura 01).

Posicionar-se de frente, como quem encara seu objeto para uma melhor definição muitas vezes está ligado ao próprio princípio funcional da lente objetiva, e não convive com a noção de inapreensibilidade que nos toma quando percorremos a série de casas que se substituem entre



Fig. 01:  
Números  
Primos  
(detalhe). Foto  
de Marcelo  
Masagão, 2020.  
Fonte: Acervo  
do Autor.

si conforme andamos. Este tempo presente que se mantém em movimento – o rosto fixado no olhar para frente, por uma janela corresponde à própria rua, em uma sobreposição da mídia e seu pretexto, um meio que se aplica à paisagem – é falso, e o reconhecemos como inverossímil. Mas não importa. Preferimos acreditar na fidelidade deste palco de truques, a fotografia.

E como acontece frequentemente com o que em fotografia se mostra valioso, o truque aberto e escancarado convive com a revelação de algo que embora não oculto, nos causa certo espanto. É evidente que se trata de uma montagem, mas a tentação atizada pelo ganho impossível é maior do que nosso senso de fidelidade: estamos autorizados a esquecer de que não é possível ver o que vemos, e a ganharmos um vislumbre do que poderíamos ver. Podemos ter ao mesmo tempo a longitude e amplitude de um panorama e a frontalidade e fixidez do fragmento (Figura 02).



Fig. 02:  
Números  
Primos  
(detalhe). Foto  
de Marcelo  
Masagão, 2020.  
Fonte: Acervo  
do Autor.

A sequência crescente da numeração das casas merece atenção: da mesma precariedade de algumas construções, os números parecem nos gritar algo de sua importância para além da medida. Assumidamente gráficos, como outdoors, sinalizam uma recém conquista dos moradores: a admissão em um mapa que outorga a eles o direito de permanecerem.

Alinhados, formam afinal uma rua. Chegam antes de muito do que se pode esperar de uma casa, antes de quaisquer melhorias, ainda por vir (Figura 03).



Fig. 03:  
Números  
Primos  
(detalhe). Foto  
de Marcelo  
Masagão, 2020.  
Fonte: Acervo  
do Autor.

Se a função dos números é a de marcar a distância entre cada moradia, família, então essa distância é mínima: as diferenças entre cada fachada são evidentes, mas o parentesco se afirma até mesmo por isto, pela especificidade das soluções em cada parte, pela visualidade que, por uma marcação rítmica expressiva mantém seu pulso pelos sete metros horizontais de impressão fotográfica, extensão da imagem que perfaz também a extensão da rua.

Entre esta proposição e o trabalho de registro e edição das fachadas das casas populares no nordeste do país por Anna Mariani em *Pinturas e platibandas*, um diálogo se imagina, até pela diferença evidente: ali, ao registrar composições que articulam cores vibrantes e desenhos de rigor geométrico que constituem as fachadas da região, Mariani opta mais pela repetição de um posicionamento, como se cada uma das casas fotografadas ocupasse o mesmo espaço dominado por sua câmera. Aqui, é a continuidade que possibilita a sensação de que o todo não se apresenta fácil, apesar (e nisto são semelhantes) da frontalidade contínua na foto de Masagão (Figura 04).



Fig. 04: Números Primos (detalhe). Foto de Marcelo Masagão, 2020. Fonte: Acervo do Autor.

Suassuna, em epígrafe ao livro de Anna Mariani, interpreta as fachadas das pobres casas populares como “protestos contra a miséria, a cinzentisse, a feiura, a rotina e monotonia” (SUASSUNA, 1987). Se ainda for pertinente a ideia de protesto no caso desta rua na zona oeste de São Paulo, é preciso adaptá-la, pois os números aqui chegam já firmando pé, simultâneos aos rascunhos do que em estilo pode vir a ser cada uma dessas moradias. Mas o rascunho, neste caso, já é um estatuto, a recusa de ser algo indefinido ou incompleto, e cada número se põe como um aviso: “aqui estamos, viemos para ficar”.

No senso comum a fachada é muitas vezes associada ao expediente que pretende esconder o que contém o interior, à uma máscara, ao rosto que oculta ou mente. Neste caso algo se mostra mais do que um desenho que cobre. A rapidez das soluções construtivas resulta também em composições geométricas plenas, ainda que não tão acessíveis, e constitutivas deste modo de assegurar seu terreno. A diversidade de tipologias parece conter por um lado uma cartela variada de possibilidades futuras, e por outro as qualidades do que consideramos singular. Como num mostruário de respostas possíveis aos processos de urbanização e violência que conformam sua condição, esta família de casas vem nos lembrar do que de efêmero tem toda construção.

## Referências

---

AUMONT, J. **O olho interminável**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

EMICIDA. **Prefácio**. Em: ROLNIK, R. **São Paulo: o planejamento da desigualdade**. São Paulo: Ed. Fósforo, 2022.

SUASSUNA, A. **Epígrafe**. Em: MARIANI, A. **Pinturas e platibandas: fachadas populares do nordeste brasileiro**. São Paulo: Mundo Cultural, 1987.

MACHADO, A. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. São Paulo: Contra Capa, 2001.

MASAGÃO, M. **Números Primos**. 2020. Fonte: Acervo do Autor.